

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Aromas cariocas

O Rio também se fotografa pelo nariz. Basta fechar os olhos. A cidade aparece. Primeiro, o sal. Esse cheiro de mar que chega sem pedir licença, invade a orla, passeia pelas calçadas de Ipanema e deixa na pele uma lembrança de maresia. Mistura-se ao protetor solar, à areia quente, ao mate gelado e ao biscoito de polvilho. Cheiro de verão. Mesmo quando o calendário diz inverno.

Há um Rio que desperta pelo aroma. Nas primeiras horas da manhã, o orvalho ainda repousa sobre as folhas. A terra úmida respira. Na Floresta da Tijuca, a Mata Atlântica exala seus perfumes escondidos: folhas molhadas, cascas, raízes, flores discretas. Um cheiro verde, profundo, quase ancestral. Ali, a cidade parece esquecer que existe asfalto. A floresta guarda um pedaço significativo da natureza brasileira dentro da metrópole. É sombra, frescor e vida. Uma imensa fotografia em tons de verde, revelada pela umidade da madrugada.

Mais abaixo, nas ruas, outros aromas anunciam o dia. O café recém-passado escapa das padarias. O pão quente perfuma a esquina. Há manteiga derretendo na chapa, queijo tostado, pão na chapa e o cheiro inconfundível do café com leite servido no balcão. O carioca pode até sair apressado, mas há aromas que conseguem fazê-lo parar.

Nas feiras livres, a cidade ganha tempero. Coentro, salsa, cebolinha. Pimentas. Alho. Gengibre. O perfume das ervas se mistura ao das frutas maduras. Laranjas abertas pelo sol, mangas doces, abacaxis recém-cortados. O cheiro da feira é colorido. Tem vermelho, amarelo, verde. É como se a natureza tivesse decidido fazer uma exposição a céu aberto, sem molduras nem paredes.

Entre uma barraca e outra, a memória também circula. O pastel fritando no óleo quente. O caldo de cana moído na hora. O peixe fresco. A conversa do feirante. Tudo se mistura numa alquimia que não cabe em laboratório. É cheiro de rua. De gente. De cidade viva.

E há o perfume dos almoços cariocas. O alho dourendo na panela. O feijão que cozinha devagar. O arroz soltinho. A couve refogada. A farofa. A laranja cortada para acompanhar a feijoada de sábado. Nos quintais e nas cozinhas, o cheiro atravessa janelas e corredores, desperta apetites e convoca lembranças. Há aromas que alimentam antes mesmo da primeira garfada.

À tarde, o vento muda. Traz o perfume das amendoas, das mangueiras, das flores escondidas nos jardins. Depois da chuva, o asfalto molhado ganha voz própria. A terra exala seu hálito antigo. As pedras da calçada parecem respirar. E a cidade, por alguns instantes, cheira a recomeço. No fim do dia, a brisa marinha volta a dominar a paisagem. Nos botequins, o aroma dos petiscos fritos mistura-se ao da cerveja gelada, do limão espremido, da conversa sem hora para acabar. Há alho, cebola, pimenta e cheiro de churrasquinho na calçada. O Rio noturno também se reconhece pelo nariz.

Talvez seja isso que torne a Cidade Maravilhosa tão inesquecível. Seus cheiros não ficam presos a um lugar. Viajam. Entram na memória. Reaparecem muitos anos depois, quando um café, uma fruta ou uma rajada de maresia nos devolve uma rua, uma pessoa, um instante. O fotógrafo guarda a luz. O cronista guarda as palavras. Mas há lembranças que dispensam imagens e frases. Basta um aroma. Porque o Rio tem cheiro de mar, de mata, de feira, de café, de chuva e de comida feita com afeto. Tem cheiro de natureza e de concreto. De manhã e de noite. De infância e de saudade. A Cidade Maravilhosa não se limita a ser vista. Ela se respira. E, quando seus aromas ficam guardados dentro da gente, o Rio continua presente. Mesmo longe do mar. Mesmo distante da floresta. Mesmo quando a vida nos leva para outras paisagens. Há cidades que a gente visita. O Rio, a gente inspira. E nunca mais esquece.

